

# DUCK SOUP / 1933

(*Os Grandes Aldrabões*)

um filme de Leo McCarey

**Realização:** Leo McCarey / **Argumento:** Bert Kalmar e Harry Ruby / **Diálogos adicionais:** Arthur Sheekman e Nat Perrin / **Fotografia:** Henry Sharp / **Direcção Artística:** Hans Dreier e Wiard B. Ihnen / **Conselheiro Musical:** Arthur Johnston / **Canções:** "Freedonia Hymn", "His Excellency is Due" e "The Country's Going to War", música e letra de Bert Kalmar e Harry Ruby / **Montagem:** LeRoy Stone / **Interpretação:** Groucho Marx (Rupus T. Firefly), Chico Marx (Chicolini), Harpo Marx (Pinkie), Zeppo Marx (Bob Roland), Margaret Dumont (Mme. Teasdale), Louis Calhern (Trentino), Edgar Kennedy (o vendedor ambulante), Edmund Breese (Zander), Raquel Torres (Vera Marcel), etc.

**Produção:** B. P. Schulberg para a Paramount / **Distribuição:** Paramount / **Cópia:** DCP, preto e branco, com legendas eletrónicas em português, 68 minutos / **Estreia Mundial:** Nova Iorque, 22 de Novembro de 1933 / **Estreia em Portugal:** Cinema Eden, em 27 de Julho de 1951 / Reposição comercial a 26 de Julho de 1974, no Cinema Apolo 70.

---

Portugal não teve pelos Marx um amor à primeira vista. A incompreensão da crítica começou em 1933, com **Agulha em Palheiro**, sucedendo que a do público não foi menor. **Monkey Business** foi pateado nos poucos dias que esteve em exibição no S. Luís. Assim, os distribuidores não ousaram insistir, e **Horse Feathers (Penas de Cavalo)** bem como **Duck Soup (Os Grandes Aldrabões)** ficaram na prateleira. Só com o sucesso de **Uma Noite na Ópera** os Marx saíram do *ghetto*. Os filmes seguintes confirmariam a sua popularidade, o que levou - durante os anos 40 e 50 - a distribuição a lançar, com dez ou vinte anos de atraso sobre a estreia, aquelas obras. Mas embora os "marxianos" já fossem muitos, **Duck Soup** (o que se verificou ainda na reposição dos anos 70) nunca teve o acolhimento de **Uma Noite na Ópera**, **Um Dia nas Corridas**, ou **Os Marx no Far-West**.

Contra essa "opinião pública", muito boa gente persiste em considerar **Duck Soup** a obra-prima dos irmãos, o seu mais inventivo e genial filme. Num recente inquérito mundial, **Duck Soup** surge - e é o único filme dos Marx que surge - entre os 60 "melhores filmes de todos os tempos". Não falta quem tenha insinuado que essa preferência se deve ainda a um reflexo da "política de autores", pois este é o único filme dos Marx assinado por um realizador célebre: Leo McCarey. E também não falta quem o atribua a razões políticas (sem ser de autores), pois que se tem visto no filme uma *charge* aos fascismos europeus da época. Em abono desta tese, se tem citado a proibição da obra na Alemanha, que foi um facto, mas se deveu unicamente - como a de todos os outros filmes dos Marx - à origem judaica destes (também se diz, tradição provavelmente apócrifa, que Hitler os via em sessões privadas). Interessará ainda referir que os Marx e McCarey tiveram opiniões diversas sobre esta obra.

Groucho, que foi normalmente muito crítico em relação aos cineastas que os dirigiam, (chamou a Sam Wood, o realizador de **Uma Noite na Ópera** "*fascista*" e "*son of a bitch*") salientou que McCarey foi o único realizador que os compreendeu. Mas McCarey não tinha a mesma opinião. E, se se espantou com alguma coisa, foi com o facto de não ter enlouquecido durante as filmagens: "*eram completamente loucos; as quatro pessoas mais 'chanfradas' que alguma vez conheci*".

Sabemos ainda, que foram os Marx que escolheram McCarey e que se recusaram a fazer o filme, desde que não fosse dirigido por ele. E foi a última obra que fizeram para a Paramount, antes de passarem à Metro e à Thalberg.

**Duck Soup**, como todos os outros filmes dos irmãos, é primordialmente uma obra deles. Mas a presença de McCarey - ao contrário da de realizadores como Wood, Seaton, Seiter e Buzzell - não é despidianda. O que McCarey trouxe ao universo dos Marx é a exploração do *gag* visual até aos últimos limites, exactamente como sempre aconteceu nos outros filmes deles, para o *gag* verbal. Não quer isto dizer que nos outros filmes dos Marx o aproveitamento da *mise-en-scène* e do espaço cinematográfico não tenha sido também genialmente aproveitado; mas sim que há em **Duck Soup** cenas e situações que são o perfeito equivalente visual dos lendários diálogos dos irmãos. A extraordinária sequência - talvez a melhor de toda a obra marxiana - em que Chico e Harpo se vestem de Groucho e, devido a um espelho imaginário, julgam os três que cada um é a sua própria imagem, bem como a genial conclusão da mesma, é o mais cabal exemplo dessa equivalência. Mas pode citar-se igualmente o belo aproveitamento de Harpo e a sua "mudez", com o ponto culminante na sequência com o vendedor ambulante. Em qualquer desses momentos, percebe-se o que a arte de McCarey deu à dos Marx e percebe-se que se lamenta que tão ímpar associação de autores não tenha prosseguido.

Mas, evidentemente, **Duck Soup** é, como sempre, um filme dos irmãos (na última obra em que foram quatro, pois este foi também o último filme de Zeppo). Separados socialmente pela primeira vez (Groucho de um lado e os outros do outro), como depois sucederia em quase todos os filmes futuros, encontram-se no mesmo espaço de loucura que aqui tem o seu lugar geométrico, no espaço preferencial da loucura humana: a guerra. Nunca, talvez, na história do cinema - e quase diríamos na história de qualquer arte - se procedeu a uma tal desmontagem do absurdo dentro do absurdo, como nessas sequências, que são a própria quintessência do tão falado anarquismo dos Marx.

E nunca, como nessa guerra, eles foram tão radicalmente subversivos e tão genialmente inventores. Aprender todos os pormenores, todas as "nuances" (do gesto ao diálogo, da indumentária aos objectos, do espaço exterior ao espaço interior) desses quinze minutos finais é empreendimento impossível a uma só visão. De cada vez que se revê o filme, novas descobertas se fazem num momento único de cinema em que nenhum segundo é desaproveitado, nenhum plano menos significativo. Nunca, como nessas sequências, a "precisão litúrgica" dos Marx, de que falava André Martin, foi levada tão longe.

Os Marx no reino da Fredonia, atingiram o cume do seu estilo. Durante pelo menos mais seis filmes (de **A Noite na Ópera** à **Casa de Doidos**) mantiveram-se nele. Querem um exemplo? Entre seiscentos e cinquenta (dez por minuto) escolho a cena em que Chico é levantado em ombros para espreitar da janela o que passa lá fora. Vemos os tanques a chegar e no meio da indescritível confusão, alguém exclama: "*Tanks*". E logo o solícito irmão se convence que lhe agradecem o esforço ("*thanks*" por "*tanks*") e responde "*you are welcome*". Entretidos a rir com tudo o que se passa no plano, quase não os ouvimos e quase nos passa o *gag*. E quando reparamos e rimos mais, já há mais dez razões (na imagem e nos diálogos) para rirmos.

Com os Marx rimos sempre ao retardador ou em *décalage*. Eles vão sempre à frente de nós. Talvez, por isso, nos filmes futuros da Metro, Thalberg decidisse intercalar nas fitas deles "momentos musicais". Achou que só com pausas pelo meio, o espectador médio os podia seguir. **Duck Soup** é o exemplo supremo do momento em que ninguém os parou. McCarey, pelo contrário atigou-os. E quando se atigam bichos destes...

Ainda não consegui ver **Duck Soup** sem descobrir mais um *gag*. E estou certo que me falta muito para descobrir tudo. Indescritível. Literalmente, indescritível.

JOÃO BÉNARD DA COSTA

---

Texto originalmente escrito antes da entrada em vigor do novo Acordo Ortográfico